

A CRISE

Esquissa de uma teoria

1—Os biotipos não formam no complexo social classes políticas; os dois agregados principais, cicloide ou squizoide não correspondem também a duas classes sociais: não há, em suma, correspondência entre as classes biológicas e as políticas, económicas e sociais.

O biotipo squizoide tanto pode dar, por exemplo, um revolucionário fanático como um conservador fanático; e o cicloide, por seu turno, pode ocupar vários sectores da actuação política.

O squizoide actua, pois, em função do seu tipo e variedade de tipo, em um ou outro dos campos sociais ou políticos. Por forma que, as classes biológicas, sob o ponto de vista da actuação social, dividem-se em elementos com tendências inteiramente contrárias.

Mas o squizoide tende sempre a dirigir-se para os extremos, para os campos dominados por um idealismo dogmático, onde comandam rígidos imperativos categóricos; enquanto a massa dos cicloides tende a ocupar as posições intermédias entre estes extremos. Assim a massa dos squizoides uns elementos dirigem-se para a extrema esquerda, outros para a extrema direita, enquanto a massa dos cicloides pesa sobretudo no centro. Política e socialmente a massa squizoide divide-se, enquanto a cicloide tende a manter-se em massa.

E' manifesto que multiples circunstancias intervêm para modificar este esquema. O ambiente, a educação, as super-estruturas mentais, a consciencialização e várias outras, do maior ou menor peso, contribuem para alterar este quadro. Mas, nas suas linhas gerais, éle representa a realidade.

O elemento squizoide é, desta forma, colocado num extremo ou no outro, o elemento de agitação, de tensão; representa o dinamismo do fanatismo, das misticas, da obediência cega a um credo, a uma doutrina rígida, a um sistema. Representa outras vezes o imperativo moral rígido, o estoicismo, e mesmo o heroísmo do sacrificio, mas também a intolerância, a fria crueldade, a gelada ausencia de sentimento.

O cicloide, nas suas formas activas, fornece o que Kretschmer chama os «casse cou» populares, os organizadores entusiastas, os construtores enérgicos.

Robespierre e Mirabeau, Calvino e Lutero, são exemplos típicos das duas formas de acção, a squizotimica e a ciclotimica.

Kretschmer divide os dois tipos, sob este ponto de vista, em dois grupos principais: Vêr o capítulo «Chefes e Heróis», pag. 234 a 241.

Como se vê, as classes biológicas intervêm nos movimentos da mecânica social por uma forma muito complexa.

Temos de considerar, para esse efeito, os diferentes estados do complexo histórico, medieval, áureo e declínio, e, por outro lado, os períodos críticos, em particular as revoluções, movimentos religiosos, etc.

Se considerarmos os momentos de equilíbrio e de tranquillo fluxo de vida política e social, constatamos o apagamento das modalidades squizoide e cicloide. Estas fundem-se no conjunto, completando-se e opondo-se como o claro-escuro na harmonia duma pintura. Este equilíbrio significa a hegemonia de uma super-estrutura mental, cons-

tituída por uma determinada ideologia reinante, política, social, religiosa e moral. Entre o estado de equilíbrio e esta super-estrutura a relação é necessária: a sua ruptura ou substituição acarreta, imediatamente um desequilíbrio e uma crise.

Claro está que este estado de equilíbrio perfeito é puramente imaginário; seria incompatível com o fluxo da vida, e representaria um estado de petrificação; seria, em suma, um marasmo como aquele em que durante muito tempo dormiu a velha China, e muitos povos orientais.

Na realidade, sob a hegemonia da super-estrutura dominante, está já em evolução uma nova ideologia, e um novo estado de coisas potencialmente contido em qualquer estado actual. Num corpo social em equilíbrio existem sempre elementos em conflito e forças em tensão; este conflito e tensão integram-se, porem, numa harmonia, numa unidade que mantém a coerência do todo. Nesta harmonia cicloides e squizoides opõem-se compensando-se, sob a hegemonia momentânea da super-estrutura dominante.

Nos momentos de crise, o complexo oscila entre os seus limites de coesão; ou, então, passando estes limites, desagra-se total ou parcialmente e depois recompõe-se: são as revoluções, políticas, religiosas, sociais, cuja importância na vida histórica é capital.

Nestes momentos desagregam-se as super-estruturas hegemónicas, que se dissolvem por completo e passam a categoria de resíduos históricos, ou então entram em conflito com novas super-estruturas.

Em todo o caso desaparece o seu poder inibidor sobre os elementos squizoides e cicloides. Estes vêm à superfície e desenvolvem todas as suas potencialidades. Revelam-se, impõem-se, cristallizam em condutores de multidões, em meneurs, em despotas, etc., atrás dos quais seguem aglutinadas as multidões; ou então estas, conduzidas pela própria força das coisas passam à frente e, durante um momento, tudo sepulta sob o seu peso. E' o momento anárquico de todas as grandes crises, em que os limites são rotos, e tudo se desagrega; mas que volta a um estado de equilíbrio por uma série de acções e reacções em que intervem a própria fadiga da anarquia.

Estes movimentos fazem subir à superfície o elemento squizoide ou cicloide que corresponde à ocasião, faz a síntese momentânea do movimento, tornando-se dele o exponencial. Robespierre, squizoide típico, Mirabeau e Napoleão, cicloides típicos, são, exemplos característicos deste fenómeno, como são, noutro género, Calvino (squizoide), Savonarola (squizoide) e Lutero (cicloide).

Cristo, Mahomet, os Profetas, os Apóstolos, como, em outro campo, César, Alexandre e Frederico o Grande, são exemplares arqui-acentuados de biotipologia. E a história da Judeia, como a Revolução Francesa, como a Russa, oferece-nos um campo imenso onde

se manifesta em seus paroxismos a mentalidade e os temperamentos squizoide e cicloide em evidênciação histórica.

A movimentação squizo-cicloide não se justapõe, como vemos, à movimentação política e social. As classes biológicas não correspondem às classes económicas, nem profissionais. A sua movimentação é uma consequência da luta de classes, dos conflitos económicos e sociais. Quando o trabalho das forças históricas põe os elementos do complexo em tensão e conflito, e quando este conflito desagrega a hegemonia das super-estruturas, entram em acção as classes biológicas. Todos estes fenómenos se encadeiam logicamente, uma determinando os outros por uma forma mecanóide.

A luta de classes reveste, como é sabido, as seguintes formas:

1.ª—Servos rurais contra a aristocracia.

2.ª—Burguesia e proletariado contra a aristocracia.

3.ª—Aristocracia e proletariado contra a burguesia.

4.ª—Aristocracia e burguesia contra o proletariado.

A estes agrupamentos devem acrescentar-se agrupamentos secundários resultantes da movimentação de classes. Assim, como diz Tonnies, os lavradores de certa categoria e os mestres sem grémio tendem a unir-se à aristocracia contra a burguesia e proletariado; e de ambos os sectores, o labrego e o de artifices, desprendem-se os que se convertem em capitalistas ou burgueses, enquanto outra parte se proletariza, entrando no ambiente proletário e opondo-se ao estado.

No Minho, por exemplo, assisti ao esboço de uma formação de classes, com os lavradores-caseiros, de um lado, e os operários fabris rústicos, do outro, classes de tal maneira opostas e separadas que um casamento entre filha de lavrador-caseiro e operário é considerado por aquele como uma mesalliance, e dá origem por vezes a terríveis cenas. O lavrador-caseiro refere-se aos operários em globo com o nome pejorativo de «artistadas», e os operários olham-nos com o ódio próprio do plebeu contra os «aristos». Este ódio de classes é de origem apenas indirectamente económica, isto é, gerada indirectamente pelas fábricas, mas não porque um conflito directo económico exista, entre uns e outros. A separação é de ordem psicológica, moral e de ambiente, o lavrador caseiro julgando-se benzido pela terra e seu cultivo, e considerando o operário um servo mecânico, degenerado e prostituído:—é, em suma, uma separação, de ordem moral e quasi mística, onde a terra figura na sombra como o elemento nobilitante. Isto é aqui citado simplesmente para mostrar quanto é complexo o mecanismo da formação de classes, e por vezes imprevisíveis as suas causas. Factos de ordem profissional, de ambiente, de ordem mística e outros, podem concorrer para tal efeito, alem dos de ordem económica. Mesmo quando estes estão na base do conflito é fácil de ver que as classes estão

EUROPEIA

Bio-mecânica da história

por Abel Salazar

A acentuação squizoide da nota autística, do pathos, a do romantismo, do idealismo sonhador, ou do despotismo frio; a acentuação das notas cicloides explicam em grande parte os movimentos característicos, os fluxos e refluxos dessas convulsões. Massas que se formam e desfazem, que aglutinam e se desagregam, que entram em conflito sangrento, se chocam, se esmagam, para em seguida boiareem no geral cansaço; explosões de ódios, fúrias selvagens de multidões em delirio, crueldades, barbaries, fluxos e refluxos espasmódicos de movimentos cegos, todo o quadro, enfim, dos momentos agudos de perturbação social, nos revela a acção dos biotipos em acentuação espasmódica.

Toda esta movimentação é determinada por uma evolução histórica e social que se pode resumir da maneira seguinte. O complexo histórico tendo atingido um certo grau de diferenciação, divide-se em estratificações de classes, umas superiores, outras inferiores. A mecânica própria da evolução faz no mesmo tempo aumentar rapidamente a massa da estratificação inferior, e concentrar, seleccionando-a, a estratificação superior. As riquezas, poder e honorarias acumulam-se nestas, que utiliza o Estado e todos os poderes em seu benefício. Cria-se antagonismo entre ricos e pobres, entre opressores e oprimidos, e o complexo oscila sob a força desta tensão. Este mal estar geral determina fluxos e refluxos de ideias e sentimentos que são devidos à desagregação das super-estruturas nos biotipos e à reacção intelectual e afectiva em face do quadro oferecido pela vida do complexo histórico.

Assim, o fenómeno, em sua essência, é uma reacção colectiva dos biotipos em face de uma diferenciação histórica que atinge o seu grau máximo. As circunstancias gerais em que se encontra o complexo, carregado de símbolos já em excesso objectivados e evolucionados, de formulas e estatutos demasiado evolucionados e em desnível com a evolução profunda do complexo, todas as circunstancias enfim, que caracterizam os momentos em que os complexos atingem o seu grau máximo de diferenciação, libertam os biotipos da sua aglutinação num todo, e deixam-nos em livre reacção e manifestação. Libertam-se assim as potencialidades próprias destes biotipos, que actuaem integralmente, sem o apoio das super-estruturas, e que mesmo entram em conflito com estas.

O fenómeno, fundamentalmente, é pois como se vê, uma reacção psicológica contra a diferenciação, e contra o resultado de um trabalho histórico de elaboração social.

De um lado temos toda uma série de elementos acumulados por esta elaboração histórica: classes sociais, organicas políticas, símbolos, dogmas, convenções, fenómenos económicos, elementos morais e religiosos. Todos estes elementos sofrerem a objectivação própria da evolução histórica, que constantemente objectiva o subjectivo, e que faz evoluir este objectivo no sentido de uma esquematização cada vez

mais rígida, e que assim, cada vez mais anquilozza a mecânica do complexo. Estes elementos, em seu conjunto, representam o trabalho histórico já realizado do complexo. Do outro lado, em profundidade, temos as forças humanas biológicas condensadas em potencialidades, a energia própria dos biotipos refreada pela pressão da super-estruturas.

No momento da crise estes dois elementos, o histórico objectivado, e o biológico entram em conflito, e é esta pugna que movimenta a revolução.

Mas o elemento histórico, o sistema elaborado pelo tempo, não é mais, em grande parte, do que um «subjectivismo objectivado», a objectivação evoluída e elaborada de potencialidades biológicas, umas inconscientes outras conscientes, umas afectivas outras intelectuais. Assim, o movimento que está na base das revoluções é um conflito que pode ser definido como uma luta entre as potencialidades biológicas e os seus próprios productos, objectivados e historicamente elaborados.

Este conflito, conjugado com os resultados da mecânica própria do complexo (diferenciação, factores económicos, técnicos, profissionais, etc), dá-nos os principais factores causais da mecânica das revoluções. Da sua conjunção podem ser com efeito, deduzidas logicamente os principais fenómenos de uma crise social.

Vêmos assim a importância capital, o valor que representam nestes fenómenos os biotipos e as classes biológicas. Estas são apenas um agrupamento esquemático. Na sua actuação o que tem realidade é a movimentação dos biotipos em função da sua variante, que dá como resultado, sob o ponto de vista político e social, a distribuição dos biotipos e sua variantes, pelas diversas classes sociais. Findo o período de convulsão, cada biotipo entra lentamente nas novas classes formadas.

Dividamos o agrupamento social em três classes biológicas: squizoides, cicloides e mixtos. Imaginemos que temos à mão as estatísticas destes tipos e seus sub-tipos:

ESQUIZOIDES	— A $x_{0/0}^0$
	— B $x_{0/0}^{0/0}$
	— C >
	— D >
CICLOIDES	— E >
	— F >
	— G >
	— H >
MIXTOS	— I >
	— J >
	— K >

Integramos estes agrupamentos, com suas percentagens, num complexo social, em função dos seus diferentes graus de diferenciação histórica e social. Reduzamos estes graus, para simplificar, a dois, o estado medieval e o estado adulto. Poderíamos com estes elementos descrever grande parte da evolução mecânico desse complexo na sua passagem do estado medieval ao estado adulto, e a seguir, em directa sequência, a sua entrada em fase de declínio.

Falta-nos somente para o podermos realizar, um elemento, que é o dado estatístico, o $x\%$ dos biotipos e seus sub-tipos e variantes.

Na sua falta imaginemos uma série de experiências, forçando as coisas, para com esta acentuação penetrarmos melhor no mecanismo da actuação dos biotipos.

Imaginemos toda uma sociedade formada apenas pelo agrupamento de uma variedade squizoide, seja por exemplo, o tipo místico fanático

(Continua na página 14)